

QUINTO DOMINGO DE PÁSCOA

TEXTO: **João 16.12-22**

O contexto litúrgico

Estamos nos 50 dias de celebração litúrgica do período de Páscoa. Nesse período, as leituras do Antigo Testamento são substituídas pelas leituras de Atos dos Apóstolos. Neste livro histórico do Novo Testamento, vemos os desdobramentos da mensagem de vitória sobre a morte na vida dos cristãos, na igreja primitiva, por meio do avanço do reino de Deus no movimento centrífugo, iniciando na capital de Judá, Jerusalém, então da capital para o interior, depois arredores, e paulatinamente se estendendo para os confins da terra.

No avanço da missão de Deus, novos desafios são enfrentados, respostas precisam ser dadas a situações que surgem, como o texto de Atos deste 5º Domingo de Páscoa indica. As respostas que são dadas não nos levam a novas verdades que são acrescentadas às Escrituras, mas sim ao aprofundamento do que já foi expresso ao longo das Escrituras, por séculos. Contudo, para os cristãos da Igreja Primitiva parecia ser algo completamente novo. Certamente, por essa razão, ainda antes de sua morte, Jesus disse aos discípulos que eles ainda não estavam em condições de entender todas as coisas, mas o Espírito Santo, que seria enviado, os conduziria ao aprofundamento dos mistérios do Reino de Deus que estavam sendo descortinados cada vez mais (Jo 16.12-22).

O contexto litúrgico dos cinquenta dias de celebração da Páscoa ressalta a alegria resultante da intervenção de Deus sobre a morte, ou seja, a vida trazida pelo Consolador prometido por Cristo Jesus, que transforma a tristeza em alegria, o desânimo em esperança renovada. Como compôs o autor sacro,

Ó Alegria, vem, alumia treva e mal com tua luz! Mesmo que aflitos, somos benditos, só por sermos teus, Jesus. A nossa vida foi redimida: Se a ti olhamos, a salvo estamos da própria morte. Aleluia! Em ti confiamos; refúgio achamos em tua graça, que nos enlaça, agora e sempre. Aleluia! 1Pe 1.6-9

Jesus é a nossa Alegria!

Leituras do Dia

Salmo 148

Este salmo novamente aparece nesse período. No contexto litúrgico deste 5º Domingo, é significativo este salmo de louvor, pois a alegria da ressurreição nos leva a louvar a Deus!

Louvar é expressão do que sentimos por Deus, é resultado do maravilhamento da beleza de Deus, como Davi expressou no Salmo 27.4: meditar no templo para contemplar a beleza do Senhor.

O texto do Salmo deste 5º Domingo de Páscoa é a expressão que brota da ação do Auxiliador que Jesus se refere em João 16.12-22, quando a tristeza dos discípulos seria transformada em alegria, pois o ministério de Jesus teria continuidade na vida deles por meio da obra do Espírito Santo. O reconhecimento do que Deus faz *por nós* produz alegria, que irrompe em louvor ao Deus triúno.

Atos 11.1-18

A perícopé de Atos, deste 5º Domingo de Páscoa, mostra os resultados da conversão de Cornélio e sua família, narrada no capítulo 10. Poderia ser algo completamente corriqueiro, uma vez que continuamente o Senhor acrescentava à Igreja os que iam sendo salvos. Contudo, Cornélio não era judeu. E o fato de Pedro ter estado na casa de Cornélio agredia a cultura judaica impregnada naqueles primeiros cristãos, referente à Lei Cerimonial do AT. Não era permitido a um judeu ter esse grau de intimidade com os gentios. Pedro havia se hospedado na casa de um gentio. A liderança da igreja queria explicações da parte de Pedro. O texto deste domingo nos apresenta o relatório de Pedro diante dessa situação que necessitava a abertura das mentes e corações para profundidade dos mistérios de Deus que, aos poucos, iam sendo revelados.

Por essa razão, o autor de Atos, Lucas, está interessado em registrar os desdobramentos teológicos dos fatos ocorridos no capítulo 10. Pois a maneira como os cristãos judeus reagiram à resposta que os gentios manifestaram ao evangelho seria de grande importância para o futuro.

Com essa reunião ocorrida entre os líderes da igreja, percebemos que a compreensão da missão de Deus que eles tinham era muito limitada. Até mesmo Pedro precisou de uma intervenção da parte de Deus, a fim de compreender que os gentios também eram alvos do amor de Deus (At 10). Como o próprio Pedro relata nessa reunião, uma voz celestial através de uma visão disse para ele matar e comer animais considerados impuros. Era Deus preparando Pedro para que fosse, sem receios, a casa de um impuro gentio, segundo a lei cerimonial do AT. O resultado desse movimento foi a conversão daqueles gentios e o recebimento do Espírito Santo da mesma forma que os judeus receberam, conforme At 2.

Diante da falta de compreensão da inclusão dos gentios no Reino de Deus, podemos nos perguntar: o que será que Pedro e os demais discípulos teriam entendido quando Jesus ordenou, no monte na Galiléia, para que fossem a todas as nações e fizessem discípulos pelo batismo e pelo ensino (Mt 28.19,20)? Jesus não tinha dito para eles irem às nações? Por que todo esse estranhamento sobre o evangelho chegar aos gentios?

Ao que tudo indica, os discípulos de Jesus não teriam entendido que os gentios também eram alvo do amor de Deus (Mt 28.19,20). Há quase um consenso de que os discípulos teriam entendido de que deveriam ir a todas as nações atrás dos judeus da dispersão, e fazer deles discípulos de Jesus. Era preciso uma intervenção de Deus para mostrar que os gentios também estavam nos planos salvíficos de Deus.

Para que isso ocorresse, contudo, era necessária uma mudança na maneira deles enxergarem o mundo. Suas convicções precisavam ser trabalhadas. O espaço aqui não nos permite explorar esse assunto da missão de Deus a todos os povos, mas compreendemos que o tema missões a todos os povos começa já no livro de Gênesis e mantém esse ímpeto por todo o Antigo Testamento, prosseguindo pelo Novo Testamento. Um estudo mais aprofundado nos mostrará que os gentios sempre fizeram parte do plano salvífico de Deus.¹ Mais adiante, em Atos 13, vemos Paulo e Barnabé encontrando autorização para a missão entre os gentios a partir de Isaías 42.4 e 49.6. Em Atos 26, em sua defesa diante do Rei Agripa, Paulo justifica seu trabalho entre os gentios, expressando: *“com a ajuda de Deus, permaneço até o dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, **nada dizendo, a não ser o que os profetas e Moisés disseram que ia acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz** (Atos 26.22,23).* No destaque que faço acima, vemos que Paulo compreendia que a sua obra não era algo novo, mas apenas aquilo que enxergava na Bíblia que ele lia (Moisés e os Profetas).

Diante desse fato inusitado da conversão de gentios, observamos na perícopre de Atos 11.1-18 que o relatório de Pedro foi bem fiel aos fatos narrados por Lucas, no capítulo anterior. Provavelmente, muitas informações fragmentadas chegaram aos ouvidos da igreja e dos líderes em Jerusalém. Pedro faz questão de explicar e mostrar a mesma bênção divina que desceu aos judeus no Pentecostes, em Atos 2, foi concedida também aos gentios, em Atos 10. A manifestação do Espírito Santo foi a mesma, revelando a todos que o mistério do reino de Deus estava cada vez mais evidente, que a ação do Deus missionário que é totalmente

¹ Um livro muito bom para aprofundamento é *Missão no AT – Israel como luz para as nações*, de Walter C. Kaiser.

compatível com o *modus operandi* da missão desde o AT. Por obra do Espírito Santo, todos compreenderam e louvaram a Deus pelo ocorrido: “*Quando ouviram isso, eles ficaram sem ter o que dizer e louvaram a Deus, dizendo: — Então Deus deu também aos não judeus a oportunidade de se arrependerem e ganharem a vida eterna!*” (At 11.18).

O destaque que faço do texto, que poderá ser usado como recurso para o sermão deste 5º Domingo de Páscoa, é a compreensão e o descortinamento na mente e coração dos cristãos primitivos da missão do Deus triúno. Essa compreensão crescente pode ser ligada a uma das sugestões do Evangelho deste Domingo, quando Jesus fala para seus discípulos que eles ainda não tinham condições de compreender tudo, mas quando o Espírito Santo fosse enviado, eles teriam uma compreensão cada vez maior dos mistérios revelados do reino de Deus (veja em João 16.12-22). A compreensão aprofundada das Escrituras e seus desdobramentos práticos produziram grande alegria naqueles líderes e discípulos de Jesus, e o resultado foi o louvor a Deus!

Uma das belezas de Deus que o texto nos revela é que o Senhor revela o seu interesse amoroso em conduzir seu povo a uma compreensão crescente da obra salvífica a todos os povos, revelando o seu grande amor por nós. Paulo fez menção disso em sua segunda oração na epístola aos Efésios, quando no capítulo 3 ele diz que, pelo fato de Cristo estar habitando pela fé no coração, na raiz de sua existência (Ef 3.17), os cristãos de Éfeso poderiam compreender, cada vez mais, as dimensões do amor de Deus (Ef 3.18).

Esse cuidado amoroso de Deus é um convite constante à intimidade com ele. Uma intimidade que é marcada pela alegria. Pois a verdadeira vida, que é eterna, não é apenas um lugar, como o texto de Apocalipse deste Domingo nos mostra, mas é também um status de relacionamento de intimidade com o Pai, mediado por Jesus. Quando Jesus orou ao Pai em sua oração sacerdotal, vemos que ele define vida eterna como conhecer ao Pai, e conhecer também aquele a quem o Pai enviou, Cristo Jesus. Conhecer alguém implica em relacionamento em intimidade. Tal relacionamento é marcado por grande alegria e plenitude (Sl 16.11), conforme o próprio Jesus expressa aos discípulos no texto do evangelho deste Domingo, em João 16.

Apocalipse 21.1-7

Este texto confortador tem uma ligação significativa com os demais textos da Perícope deste 5º Domingo de Páscoa. Em vários momentos do livro de Apocalipse encontramos

algumas “janelas” através das quais podemos espiar o futuro e ver como será o final da linha. Em meio às duras batalhas da peregrinação do povo de Deus em meio ao terreno inimigo deste mundo, ao fazer o evangelho avançar, encontramos refrigério ao lembrarmos que há um maravilhoso depois (Hb 12.2). Ao mesmo tempo em que podemos nos confortar com as alegrias que nos são prometidas na eternidade, o texto também afirma a intimidade que Deus tem e quer ter conosco, já aqui e agora, e por toda a eternidade.

No texto de Apocalipse deste 5º Domingo de Páscoa, é nos dito que a Nova Jerusalém é como uma noiva que vai se encontrar com o noivo. É aquele momento clímax, o casamento da Igreja com o seu Salvador. A metáfora do casamento nos revela a intimidade que Deus nos proporciona. Isso nos conduz a ficarmos ainda mais maravilhados com a beleza de Deus (Sl 27.4). O texto nos diz que “*Agora a morada de Deus está entre os seres humanos! Deus vai morar com eles, e eles serão os povos dele. O próprio Deus estará com eles e será o Deus deles.*” (v.3). Então, o versículo 4 nos apresenta como será esse novo mundo. Só nesse verso poderíamos investir um bom tempo para perceber as inúmeras bênçãos que teremos na eternidade, por mais difícil que seja compreender plenamente deste lado da eternidade. As bênçãos que teremos na eternidade serão incríveis, grandes e maravilhosas.

Contudo, de todas as bênçãos que teremos lá, a maior e melhor de todas será o Dono das Bênçãos, com vemos no versículo 7: “*Aqueles que conseguirem a vitória receberão de mim este presente: eu serei o Deus deles, e eles serão meus filhos*”. Deus é o nosso presente maior!

João 16.12-22 ou **João 13.31-35**

As leituras do 5º Domingo de Páscoa nos dão opções de dois textos do Evangelho. Um deles é **João 13.31-35**. Jesus diz aos discípulos que ele é glorificado no Pai e o Pai nele. Que por breve tempo os discípulos não o verão novamente. Jesus fala do amor uns aos outros e destaca no v.35: *Nisto todos conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns aos outros*. Conviver intimamente com o Deus de Amor nos transforma em pessoas amorosas. O Dr. Nestor Beck comenta em um de seus livros:

*A missão da igreja só cai no lugar certo, só encaixa e só adquire perspectiva, se ligada exatamente ao conceito de reino de Deus. Jesus vem para anunciar que está vindo o reino de Deus. Jesus veio como Rei desse reino, à sua própria maneira, não da forma como o esperavam, glorioso e poderoso. Veio humilde, como servo. O maior de vós seja aquele que vos sirva. Este Rei, depois da ressurreição, envia embaixadores e aí está a missão – para quê? Para anunciar o reino que está vindo e para dizer que o reino tem seu centro no Rei que liberta. Do quê? Do pecado! **Aí a***

justificação pela fé. Mas liberta também da morte. Da ressurreição resulta um novo mundo. Liberta também fundamentalmente, do egoísmo; daí amor, solidariedade e a possibilidade da criação da comunidade. (...) Se não se recupera isso e não faz a ligação da justificação pela fé para a comunidade, para a igreja, a pessoa se converte, torna-se nova pessoa em Cristo, no entanto nada a prende à igreja. E por que haveria, se nós não lhe abrimos a perspectiva de que a igreja é parte do Reino de Deus, o negócio de Deus é a constituição de uma nova sociedade. Por antecipação, ele está nos preparando para esta sociedade, na medida em que nos torna amorosos, porque, quem não for amoroso, não é apto para viver em sociedade; ele vai ter que penar com os egoístas no inferno. O reino de Deus nos leva à fé para produzir o amor. (...)

(...) porque o futuro que Deus promete é a coisa mais segura do mundo, porque as promessas dele são firmes e o que ele diz, ele realiza, o que ele fala, acontece. A coisa mais segura que temos não é o nosso passado, com todas as nossas tradições, nem nossas decisões presentes, mas sim o futuro prometido e realizado por Deus. Este futuro se resume a uma palavra somente: basileia, o reino de Deus. O cerne desse reino chama-se o Rei e Senhor Jesus Cristo. (Nestor Beck. Compreender o passado, abraçar o futuro, pp.154, 142.)

O destaque em negrito, acima, é por minha conta. Se a sugestão do evangelho de João 13.31-35 for escolhida, o destaque acima pode ser um bom subsídio de reflexão para ligar a missão entre os gentios (At 11), a ligação de intimidade com o cerne do Reino de Deus, Cristo Jesus (Ap 21), e com a característica de amor dos discípulos (Jo 13.35).

João 16.12-22

Minha sugestão é usar o evangelho de **João 16.12-22**, a segunda opção que nos é oferecida para este 5º Domingo de Páscoa.

Nesse texto, pela quinta vez Jesus declara algo sobre o Espírito Santo. Desta vez, Jesus apresenta o Espírito Santo como aquele que irá conduzir seus discípulos a toda verdade.

O ministério de Jesus foi muito curto na terra, no sentido dos discípulos assimilarem todo aprendizado de Jesus. Então, Jesus os conforta dizendo que seu ministério teria continuidade através da obra do Espírito Santo, o Consolador (NAA) ou Auxiliador (NTLH). De fato, o episódio relatado no texto de Atos 11 revela que, aos poucos, a compreensão dos apóstolos e dos cristãos primitivos com relação ao agir salvífico de Deus foi sendo expandida e aprofundada. Paulatinamente, os cristãos foram assimilando as verdades bíblicas, na medida em que o Auxiliador os conduzia ao enraizamento da verdade em seus corações.

Naquele momento, Jesus disse aos discípulos que o Espírito Santo *não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouvir e anunciará a vocês as coisas que estão para acontecer*. O Auxiliador não tem uma mensagem além daquela que está implícita no Verbo encarnado. Jesus já tinha colocado algumas vezes que ele mesmo não falava e não realizava nada por

iniciativa própria, mas sim fazia o que o Pai mandava (Jo 5.19,30, 8.28, 12.49). Da mesma forma, o Espírito Santo. A missão do Auxiliador é glorificar a Jesus. Por sua vez, Jesus é a revelação do Pai por abrir acesso a Ele (Jo 14.6-9). Percebemos que a missão do Deus Triúno se descortina diante de nossos olhos, a ação das três Pessoas em prol da salvação do ser humano, uma relação de cooperação e intimidade entre as Pessoas da Trindade. O Pai envia Jesus, e este revela o Pai. Jesus retorna ao Pai e eles enviam o Espírito Santo, que glorifica a Jesus, que nos conduz ao Pai. O Espírito Santo usa a Igreja como instrumento de trabalho (Ap 22.17), enviando-a para alcançar todos os povos do mundo. É a missão do Deus Triúno, que não depende de nossa prece, mas que suplicamos que venha também a nós, que sejamos envolvidos nesse agir tremendo de Deus, conforme Lutero expressou na explicação à Segunda Petição do Pai Nosso.

Outro detalhe importante no texto do evangelho de João 16, deste 5º Domingo de Páscoa, é que os discípulos estavam muito tristes naquela ocasião, diante da iminência de Jesus os deixar. Novamente, Jesus os conforta e assegura que essa tristeza se transformará em grande alegria. Já é um prenúncio do que ocorrerá na eternidade, quando Deus há de enxugar toda a lágrima, isto é, acabar com a causa de todo o sofrimento, pois eternamente estabeleceu a sua morada entre os seres humanos.

A obra do Espírito Santo é completa. Não apenas cognitiva no sentido de esclarecer verdades racionais que os discípulos não podiam compreender no momento, mas também plena e multidimensional: a alegria, gozo, paz, seriam condições palpáveis, acessíveis a eles e a todos os cristãos pelo ministério do Consolador. O caráter dessa obra é distinto e exclusivo à ação do Espírito Santo. Por isso, o mundo no qual atua outro espírito (Ef 2.1,2) não teria acesso a tal intervenção sobrenatural. Esta ocorreria mediada somente pelo Redentor, a fonte da ação do Espírito Santo.

Sugestão homilética

Jesus é a nossa Alegria maior!

I. Nossa condição natural

1. O pecado distorce a maneira como enxergamos a Deus, a nós mesmos e as circunstâncias que nos rodeiam.
 - a) Vivemos em mundo que nos traz sofrimento e tristeza.

- b) A limitação de nossa compreensão de Deus acarreta dúvidas, perplexidade, desânimo.
2. Nós nos identificamos com os discípulos de Jesus em sua tristeza e desânimo diante da perspectiva do sentimento de aparente abandono e distanciamento de Deus.
3. Nós nos identificamos com os cristãos primitivos, quanto à falta de compreensão da obra salvífica do Deus triúno.

II. A intervenção de Deus

1. Deus age em nosso favor. As palavras de Jesus nos trazem esperança e perspectiva.
2. Ao exercer o seu ministério por meio da obra do Auxiliador, Jesus continua a agir na vida dos discípulos, cumprindo a sua promessa e transformando a tristeza em grande alegria.

Como?

3. Ele nos leva a compreender ainda mais profundamente a maneira como age em prol de nossa salvação e das pessoas em geral.
4. Essa compreensão produz maravilhamento que irrompe em alegria e louvor a Deus, mesmo em meio a circunstâncias difíceis que vivemos neste mundo.
5. Jesus se revela não apenas como a fonte da alegria, mas o próprio Jesus é a nossa Alegria maior, que alumia trevas e mal em nossa vida. Então, mesmo que aflitos, somos benditos, pois pertencemos a Jesus.
6. Como resultado, não buscamos as alegrias decorrentes da ação de Deus em nossa vida como razão última de nosso viver. Mas o Auxiliador nos revela a fonte das alegrias: o próprio Jesus, nossa Alegria maior. Jesus sendo nossa alegria maior, todas as alegrias decorrentes encontram seu lugar certo.
7. Pois, de todas as alegrias que teremos na eternidade, Jesus é o nosso Presente, a nossa Alegria maior!

Rev. Renato Hoerlle
Pastor no Vale do Araguaia – PEL Esperança